

# De que periferia estás falando? Da representação artística à representação social da periferia em escolas periféricas de Belém

*Which one periphery are you  
talking about? From artistic  
representation to social  
representation of periphery on  
schools in Belém's outskirts*

**Fabio Fonseca de Castro\***

**Aline Meriane do Carmo de Freitas\*\***

## RESUMO

O artigo discute a relação entre representações artísticas e representações sociais, observando a recepção de dois videoclipes musicais, ambos tematizando a *periferia*, por alunos do Ensino Médio de duas escolas de periferia de Belém. Indaga-se de que maneira uma representação artística contribui para conformar uma representação social, sobre o processo dialógico estabelecido e sobre a liminaridade entre representações artísticas e representações midiáticas. Objetiva-se compreender o papel dinâmico do núcleo central das representações, estruturado, conforme demonstra a observação, por meio do processo dialógico inerente à experiência social.

\* Professor na Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. Pós-Doutor pela Universidade de Montreal, Canadá. Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris 5, França. Professor no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. *E-mail*: fabio.fonseca-decastro@gmail.com

\*\* Professora na Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. *E-mail*: linefreit@gmail.com

Submetido em: 26/setembro/2013.

Aprovado em: 2/novembro/2013.

**Palavras-chave:** Periferia. Representações sociais. Amazônia. Intersubjetividade.

**Abstract:** The article discusses the relationship between social representations and artistic representations, observing the receipt of two video clips, both thematising the *periphery*, by high school students from two schools in the outskirts of Belém (Brasil). We want to understand how a artistic representation contributes to conform a social representation on the social dialogic process and about the liminality between artistic representations and media representations. The objective is to understand the dynamic role of the central nucleus of the representations, structured, as demonstrated by observation, through the dialogical process inherent to the social experience.

**Keywords:** Periphery. Social representations. Amazon. Intersubjectivity.

## Introdução

**D**e que maneira uma representação artística contribui para conformar uma representação social? Que dialogia e quais interstícios se colocam entre elas? Que formas sociais e quais tipicidades intersubjetivas se produzem e se sedimentam na experiência social gerada pelo diálogo entre essas duas formas de representação do mundo?

Essas questões nortearam este trabalho. Para colocá-las, partiu-se de um experimento baseado na suposição de que as representações artísticas (e, portanto, reificadas) do mundo, dialogam, intersubjetivamente, com as representações sociais (e, portanto, quotidianas, banais) desse mesmo mundo. O experimento consistiu em exhibir, para alunos do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas de Belém, dois videocliques musicais, produzidos por bandas paraenses de *rock*, cujo tema, nos dois casos, era o mesmo: a periferia dessa cidade. Em seguida, coletamos impressões textuais (questionário, entrevista aberta e desenhos) a respeito da questão sobre “o que é periferia” em Belém: o que pode ser considerado periferia, a percepção do espaço escolar como periférico, a percepção do espaço de residência como periférico, a percepção da inserção social como periférica, etc. A expectativa era equacionar as representações sociais, compreendendo como elas dialogam com representações artísticas no processo de produção intersubjetiva dos sentidos do mundo vivenciado pelos sujeitos sociais entrevistados.

Os conceitos e as noções que estruturaram o trabalho partiram de um referencial fenomenológico, particularmente da percepção de como a

relação entre representações reificadas – no caso, representações artísticas – e representações sociais possibilitam a produção de uma *volta hermenêutica*, no sentido que Ricoeur (1990, 1997), a partir de Gadamer (1997), dá a essa noção. Compreende-se que a *volta hermenêutica* conforma uma dinâmica intersubjetiva, processo social por meio do qual se produzem as tipificações (SCHUTZ, 1976) que estruturam o estar-no-mundo dos sujeitos sociais. Pretende-se, assim, indagar sobre as dinâmicas intersubjetivas presentes na conformação das representações sociais e artísticas do objeto-tema *periferia*.

Também da fenomenologia, usamos a noção de *mundo*, que reporta, a partir de Husserl (1950), à contiguidade entre pensamento, percepção e vida dos indivíduos para compreender a experiência vivencial dos sujeitos entrevistados e a maneira como eles se relacionam com o entorno.

A noção de representação social é tributária de Moscovici (1978) e de Jodelet (2002), e a noção de núcleo central se deve a Abric (1994). A noção de representação artística dialoga com Castro (2011). Todas elas serão esclarecidas ao longo do trabalho.

O lugar escolhido para o desenvolvimento do trabalho de campo foi o ambiente escolar, mais especificamente, a sala de aula, por ser esse um espaço importante no desenvolvimento de relações coletivas entre diferentes sujeitos sociais – um espaço privilegiado para a negociação de sentidos e, conseqüentemente, para a produção da intersubjetividade, pelo fato de se conformar como um espaço cotidiano de interação simbólica e de trocas cognitivas.

As duas escolas públicas escolhidas para a pesquisa foram a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Camilo Salgado e a Escola Estadual Maria Antonieta Serra Freire.

A primeira delas está localizada na Avenida Roberto Camelier, n. 823, no Bairro do Jurunas. A instituição possui 1.762 alunos regularmente matriculados, divididos nos três turnos de funcionamento (manhã, tarde e noite). Ela possui oito turmas de 3º ano do Ensino Médio. É uma das escolas mais conhecidas do bairro e tem uma estrutura física avaliada como boa em relação às demais.

A escola Serra Freire, por sua vez, está localizada no Distrito de Icoaraci, na Avenida Contorno Sul, s/n., distante 14 km das áreas centrais de Belém. A escola possui uma estrutura física de grande porte, deteriorada, apesar de reformas parciais recentemente realizadas. Trata-se de uma das maiores e mais importantes escolas do distrito. A instituição tem 2.312 alunos matriculados, divididos nos turnos da manhã, tarde e noite. Ela possui cinco turmas de 3º ano do Ensino Médio, duas das quais participaram da pesquisa de campo.

Os dois vídeos apresentados aos alunos foram: “Devorados”, da banda “Madame Saatan”, e “Matinha do Cruzeiro”, produzido pelo Núcleo de Mídias Digitais do Coletivo Rádio Cipó. O primeiro deles foi gravado na Vila da Barca, primeira aglomeração de subconstruções da cidade de Belém, surgida ainda em 1930 e um espaço tradicional da cidade, anteriormente composto por casas em forma de palafitas interligadas por estivas, mas hoje modificado, em função de um projeto de titularização das propriedades e reforma urbanística. O clipe foi gravado antes de esse projeto ter sido executado. O lugar que nele se vê ainda era constituído pelas tradicionais palafitas e estivas. O segundo vídeo, por sua vez, foi produzido na comunidade Álvaro Adolfo, no Bairro da Pedreira, outra aglomeração periférica de Belém.

A banda “Madame Saatan” foi criada em 2003, em Belém, estando atualmente radicada em São Paulo. O grupo se define como “alternativo” e tem uma proposta musical que hibridiza o *rock heavy metal* com diferentes musicalidades brasileiras. “Devorados” foi o primeiro videoclipe gravado pelo grupo e já foi exibido em espaços privilegiados, como: MTV, Multishow e Rede Globo.

Já o núcleo de produção de mídia sonora e videoarte do Núcleo de Mídias Digitais do Coletivo Rádio Cipó teve início em 2004 quando um grupo de amigos se uniu para fazer produção sonora e gráfica e acabou produzindo o disco “Formigando nas calçadas do Brasil”, um trabalho produzido cerca de 90% em estúdio caseiro. Em 2005, o grupo gravou o DVD *EletroFunkDubSocial*, um documentário com depoimentos e videoclipes – entre eles, “Matinha do Cruzeiro”, um dos produtos apresentados na mostra audiovisual organizada pela presente pesquisa.

A linguagem escolhida para portar a representação artística das periferias, pelos dois grupos, foi o videoclipe, e os trabalhos foram escolhidos por serem conceituais, já pr terem sido gravados em cenários quotidianos, os quais pretendem ser muito mais que a ilustração de uma canção, propondo a representação de um tema – no caso a ideia de periferia. Nesse sentido, nota-se que, nos dois casos, há um enfoque de documentário nos vídeos produzidos.

## Referenciais teóricos

O estudo das representações sociais tem uma nítida orientação fenomenológica, à medida que procura perceber a experiência compreensiva dos sujeitos investigados no contexto pragmático da sua quotidianidade. Essa orientação fenomenológica permite compreender a representação como um processo dialógico, sempre em curso.

A proposição de estudo de Moscovici (1978), complementada por Jodelet (2002), conforma um instrumental útil à análise de práticas intersubjetivas do cotidiano, principalmente num ambiente urbano, que, segundo o próprio Moscovici, constitui um campo de reprodução acelerada das representações. O cerne do pensamento desses autores está no entendimento de que o senso comum é constituído de maneira enraizada e coletiva. Assim, a teoria das Representações Sociais (RSs) encontra-se no limite entre a sociologia e a psicologia, uma região híbrida e intermediária, que se preocupa em entender a relação entre dois mundos: o individual e o coletivo. De acordo com Moscovici,

as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente, através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo do cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados. Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica. (1978, p. 41).

Desse modo, discutir acerca das RSs é considerar as representações quotidianas elaboradas pelos diferentes grupos sociais, nos diversos meios em que estão inseridos. O autor propõe, ainda, uma estrutura clássica visando a explicá-las:

No real, a estrutura de cada representação nos aparece desdobrada; ela tem duas faces tão pouco dissociáveis quanto à frente e ao verso [sic] de uma folha de papel: a face figurativa e a face simbólica. Nós escrevemos que: Representação = figura/significação, entendendo por isso que ela faz compreender em toda figura um sentido e em todo sentido uma figura. (MOSCOVICI, 1978, p. 63).

Com esse esquema, Moscovici procurou analisar o caráter figurativo e simbólico das RSs, elementos que não podem ser analisados de maneira separada ou distinta. Jodelet (2002) completa a construção teórica de Moscovici, compreendendo as RSs como uma realidade comum, ou melhor, um senso comum, algo que significa a materialização de estruturas sociais abstratas, isto é, a subjetividade posta em prática de maneira

intersubjetiva. Com um processo social dinâmico, as RSs se produzem, se preservam e se disseminam tendo por referência fatos e processos sociais igualmente dinâmicos.

O referencial criado por Abric (1994) para compreender como ocorre esse processo sugere que toda a dinâmica em torno das RSs se dá a partir de um “núcleo central”, cuja função seria organizar e gerar o sentido comum que envolve as representações e, especificamente, seus “elementos periféricos”, que permitem uma maior flexibilidade a todo o processo. De acordo com esse autor, o núcleo central “é determinado pela natureza do objeto representado e também pela relação que o sujeito/grupo mantém com este”. (ABRIC, 1994, p. 83). Ele torna as representações estáveis, duradouras e resistentes, podendo ser relacionadas à memória coletiva. Os elementos periféricos, por sua vez, têm a função de proteger e conservar o núcleo central, estando relacionados ao pensamento individual, originado da vivência de cada um. Trata-se de uma relação dinâmica, que desempenha, no processo social, quatro funções: explicar a realidade, definir a identidade de um grupo, orientar e direcionar as práticas sociais e justificar as ações individuais.

É por meio dessas quatro funções que as representações têm um papel destacado no funcionamento social, a ponto mesmo de Abric sugerir que “o comportamento dos sujeitos ou grupos não são determinados [sic] pelas características objetivas da situação, mas pela representação dessa situação”. (1989 apud SÁ, 1998, p. 54).

## Referenciais metodológicos

A pesquisa obedeceu a um procedimento dedutivo, baseado nas leituras quantitativa e qualitativa dos dados obtidos. Os dados coletados foram avaliados, primeiramente, em sua composição quantitativa. Estabeleceram-se porcentagens para as respostas obtidas com a finalidade de definir os padrões e as regularidades discursivas presentes no processo intersubjetivo do grupo. Em seguida, procedeu-se a uma análise qualitativa dos resultados. Essa análise qualitativa procurou obedecer ao padrão fenomenológico da redução eidética do objeto investigado, o que se deu por meio dos procedimentos de ancoragem e de objetivação das representações e de questionamento sobre os processos intersubjetivos de tipificação. Por fim, procurou-se identificar o *núcleo central* dessas representações, conforme o referencial contruído por Abric (1994).

O processo de coleta de dados transcorreu entre janeiro e fevereiro de 2011 e iniciou com a exibição dos dois vídeos nas escolas. Eles foram apresentados, em ordem aleatória, para 100 estudantes, dos quais 60

petenciam à escola Serra Freire, e 40, à escola Camilo Salgado. Nos dois casos, as escolas disponibilizaram *notebook*, *data-show* e caixa acústica para a exibição dos vídeos. Na escola Serra Freire, houve duas exibições, ocorridas em sala de aula e, no caso da escola Camilo Salgado, a atividade ocorreu uma única vez, no auditório da instituição.

Em seguida à exibição, os alunos responderam a um questionário composto por 17 questões, das quais cinco objetivaram traçar o perfil sociocultural dos entrevistados (identificação do sexo, idade, local de residência, escola frequentada e tempo de estudo na escola). As demais questões se dividiram em dois blocos temáticos.

O primeiro procurou compreender o impacto imediatamente causado pela representação artística (os videoclipes) sobre a representação social existente a respeito da periferia, no universo estudado. Esse bloco, composto também por cinco questões, conteve as seguintes perguntas: Você acha que os videoclipes representam o que é periferia?; Se não representam, o que está errado, como deveria ser?; Qual a sua opinião sobre os dois videoclipes?; Você consegue achar com facilidade músicas e videoclipes que mostrem a periferia?; Quando se fala na periferia de Belém, de qual música você lembra?

O segundo bloco temático procurou compreender o próprio tecido intersubjetivo que conforma as representações da periferia existentes no universo pesquisado, a partir da inserção dos indivíduos, ou melhor, de sua autorrepresentação, na problemática construída em torno do tema periferia. As sete questões, que compuseram esse bloco, foram as seguintes: Sua escola faz parte da periferia de Belém?; O bairro em que sua escola está inserida faz parte da periferia?; Você se identifica com o lugar mostrado nos videoclipes?; Para você, o que é perifeira?; Quando você escuta falar sobre a periferia da cidade, o que, de imediato, vem-lhe à cabeça?; Cite cinco palavras que representam a periferia de Belém; Faça um desenho representando a periferia de Belém.

Após a coleta dos 100 questionários, selecionaram-se 12 alunos, seis de cada escola, de forma aleatória, para participarem de uma entrevista em profundidade. Pretendeu-se, por meio dessas entrevistas, a obtenção de elementos que permitissem uma análise descritiva e exploratória do objeto.

A aplicação do questionário ocorreu no período da manhã ou da tarde, com consentimento do diretor das instituições e dos professores que estavam ministrando as disciplinas no momento de sua execução. As entrevistas, em profundidade, ocorreram em locais, datas e horários de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado.

## A noção de periferia

A princípio, *periferia* era a denominação dada às áreas mais afastadas do centro urbano, em geral carentes de infraestrutura e serviços urbanos e que abrigavam os setores de baixa renda da população. Porém, considerando que as grandes cidades atuais tendem a apresentar diferentes centralidades, tornou-se necessário melhor definir o sentido dessa palavra. Barros (s/d) considera que o termo *periferia* diz respeito a lugares e/ou a sujeitos abandonados pelas políticas públicas. Para Santos, morar na periferia é ser duplamente sentenciado à pobreza.

A pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se à pobreza gerada pelo modo territorial. Este, afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhes ser entregue gratuitamente pelo poder público. (2007, p. 143-144).

Isso implica dizer que a noção de cidadania está intimamente atrelada ao território, uma vez que, para ser um cidadão integral, faz-se necessária a garantia dos direitos civis fundamentais. Pode-se concluir que as periferias constituem espaços segregados e de segregação, independentemente de sua posição geográfica em relação a um hipotético centro.

Em Belém do Pará, de acordo com o relatório “Aglomerados Subnormais – Primeiros Resultados”, do IBGE (2012), há 1.130.437 pessoas vivendo em favelas, invasões, baixadas ou palafitas. Isso corresponde a 53,9% da população da cidade, tornando a região metropolitana de Belém o espaço brasileiro com maior proporção de indivíduos habitando esses espaços e, em números absolutos, o terceiro espaço com maior população residindo em condições precárias.

De acordo com Abelém (1989) e Vicentini (2004), o crescimento populacional expressivo da cidade, a partir de 1960, foi impulsionado por um êxodo rural cuja função estruturante era estabelecer uma margem de proletariado flutuante capaz de ser empregada nas grandes obras que o governo federal desenvolvia na região amazônica. É o processo identificado por Mitschein et al. (1989) como “urbanização passiva”: uma camada populacional expressiva, que passa a viver na metrópole sem vínculo empregatício formal.



Os espaços mais comumente usados para abrigar essa população foram as zonas do intrincado sistema aquático da cidade, bacias hidrográficas formadas por canais, rios e inúmeros igarapés, desvalorizadas tanto por sua condição alagadiça como por receberem o esgotamento sanitário das áreas urbanizadas. Essas áreas, conhecidas localmente como *baixadas*, foram ocupadas com moradias precárias, em geral, não titularizadas, nas quais hoje se reproduzem condições sociais tipicamente causadas pelo abandono estatal, como as de favelização, violência, desemprego, informalidade, endemias e degradação dos recursos naturais.

O padrão de moradia típico das *baixadas* de Belém constitui-se de autoconstruções, obras de baixa qualidade, com materiais reaproveitados e em áreas que, além de serem irregulares, apresentam pouco ou nenhum beneficiamento público. O fato de que 53,9% da população da cidade viva sob esse padrão habitacional faz com que a noção de *periferia* se constitua, ali, de maneira muito significativa, como experiência urbana comum a todos, mesmo aos que não habitam esses espaços.

## Apresentação dos resultados

### Aspectos socioculturais gerais

Dos 100 estudantes entrevistados, 64% são do sexo feminino, e 36%, do masculino. Essa diferença foi justificada por professores e administradores das escolas, em função da elevada taxa de evasão escolar por parte dos rapazes. No que diz respeito à idade dos entrevistados, 48 deles têm entre 18 e 20 anos, 41 têm entre 15 e 17 anos, 7 têm entre 21 e 23 anos e apenas 4 apresentam uma idade diferente da apresentada por esses três grupos. Quase metade da mostra (47%) cursa a escola na qual está matriculada há um período inferior a três anos, 28% lá estão há um período entre quatro e seis anos, e 25%, há um período entre sete e nove anos.

Em geral, os alunos residem no mesmo bairro de sua escola. Dos 60 alunos entrevistados na escola Serra Freire, 52 moram no Distrito de Icoaraci. Dos 40 alunos da escola Camilo Salgado, 28 habitam o Bairro do Jurunas, onde ela está situada, e 11, o bairro limítrofe da Condor. Os demais alunos residem em áreas próximas.

### A recepção dos videoclipes

Se o primeiro bloco de perguntas do questionário utilizado procurava mapear as condições socioculturais básicas dos indivíduos pesquisados,

o segundo objetivava compreender o impacto imediatamente causado pela representação artística (os videoclipes) sobre a representação social existente a respeito da periferia, no universo estudado.

Em relação à recepção dos videoclipes, 58 dos 100 entrevistados afirmaram não se reconhecer nas representações por eles mediadas. Justificaram dizendo, principalmente, que vivem uma realidade diferente da mostrada, que onde habitam não há violência semelhante à mostrada nos filmes e não moram em palafitas ou em vilas. Os 36 alunos, que se reconheceram nas representações da periferia presentes nos filmes, justificaram-no dizendo que os problemas enfrentados pelos moradores dos bairros representados, bem como dos seus próprios espaços de residência, são resultado do abandono dos mesmos pelo Poder Público. Apenas seis alunos deixaram de responder a essa questão.

No entanto, uma coisa é se reconhecer na representação da periferia construída pelos videoclipes, e outra é compreender que a representação neles produzida esteja correta. É preciso considerar a ambiguidade entre essas representações para compreender a complexidade do tema. Quando perguntados se os videoclipes representam corretamente o que são as periferias de Belém, 57 entrevistados escolheram a opção “bastante”, e 19, a opção “fielmente”, enquanto 24 disseram que representam “pouco”, e justificaram dizendo que a abordagem feita pelos clipes trabalha apenas problemas locais, principalmente a questão da violência, deixando de contemplar, por exemplo, a riqueza cultural do lugar. Nenhum aluno afirmou que os vídeos “não” representam a periferia.

Para a maioria das respostas, porém, os videoclipes estigmatizaram as comunidades periféricas, mostrando repetidamente as deficiências infraestruturais desses locais ou a real violência, mas não retrataram as manifestações culturais, de resistência, a organização popular e a ação dos centros comunitários. Esses temas foram bastante evocados, principalmente nas entrevistas profundas. De seu ponto de vista, a pretensão dos videoclipes de representar a periferia, a partir do foco na violência, funciona como uma forma de julgamento moral e preconceituosa sobre o espaço no qual habitam, fato que, a seu ver, limita grandemente a compreensão do que consideram a sua *realidade*. Os alunos, em geral, mostraram-se conscientes da diversidade e da complexidade das áreas periféricas, temas considerados pouco abordados pelos filmes que, para a maior parte dos estudantes, não foi mostrada.

Nesse sentido, é possível evocar Souza e outros (2005), a fim de compreender a complexidade e a diversidade das periferias:

Outra forma possível de perceber-se a periferia passa pelo reconhecimento de que os seus habitantes desenvolvem formas ativas e contrastantes para enfrentar suas dificuldades do dia a dia, de acordo com suas trajetórias pessoais e coletivas, as características socioculturais e geográficas do seu território e a postura assumida pelas suas lideranças e pelas instituições locais, dentre outras variáveis. Naturalmente, a superação dos evidentes limites presentes nas condições de vida dos habitantes da periferia é uma necessidade a ser encarada pelos poderes públicos e pelos setores sociais identificados com a democracia e a justiça social. (2005, p. 22).

E, assim, pode-se dizer que os videoclipes, ao optarem por descrever o espaço periférico a partir da problemática da violência, representam, na interpretação dos entrevistados, um olhar externo e precário. Essa consciência foi, de fato, muito aguda na maioria dos alunos, os quais insistiram que os filmes não abordaram o cotidiano dos moradores, as dificuldades enfrentadas por eles e a maneira como se organizam na luta por melhores condições de vida.

Conclui-se que a representação artística da periferia não corresponde à representação social da periferia, mas há entre elas uma liminaridade evidente. Talvez se possa procurar, na ideia de representação midiática, o elo que produz essa liminaridade, porque, embora, de um lado, a representação artística expressada por meio dos videoclipes não seja, exatamente, uma representação midiática (pois seu caráter autoral minora o caráter massivo que caracteriza esta última), é evidente que a concepção estética e as estratégias narrativas presentes nos videoclipes se constroem por meio de um diálogo amplo com as estratégias e práticas narrativas utilizadas pelas representações midiáticas – e, de outro lado, também se pode dizer que a representação social não deve ser vista como uma representação midiática, simplesmente porque a mídia não constitui a integralidade da experiência social, mas constitui, entretanto, um elemento importante para sua conformação.

Essa liminaridade entre os campos das representações exige que compreendamos o processo cultural como uma dinâmica essencialmente complexa de troca simbólica entre os indivíduos. Se uma coisa é se reconhecer na representação da periferia construída pelos videoclipes, outra é se compreender que a representação neles produzida esteja correta, fica evidente que nem as representações artísticas nem as representações midiáticas são aceitas passivamente pelos indivíduos que ocupam os espaços que elas pretendem representar, embora mediem, constantemente,

os processos de desambiguação, ou seja, de negociação de sentidos, a qual conforma a experiência social.

Percebendo essa dinâmica de liminaridade, de constante reelaboração intersubjetiva, fica evidente que nem a representação artística nem a representação midiática alcançam o tema que a análise das RSs desvela: o de que a experiência periférica possui uma complexidade que os observadores externos não conseguem, imediatamente, perceber.

## As representações sociais da periferia

O terceiro bloco de questões objetivou compreender o próprio tecido intersubjetivo que dá forma às representações da periferia existentes no universo pesquisado, a partir da inserção dos indivíduos, ou melhor, de sua autorrepresentação, na problemática construída em torno do tema *periferia*.

### A. O que é periferia?

Considerando as definições individuais, livres e únicas do questionário, a periferia foi definida, pelos entrevistados, como um lugar violento (tema citado em 21% das respostas); um lugar de baixo poder aquisitivo (19%); com precária infraestrutura física (15%), um espaço de pobreza (14%); um espaço de exclusão social (8%); um espaço esquecido pelo Poder Público (7%); um espaço de alta concentração populacional (6%); um lugar inseguro (5%). Os demais (5% dos entrevistados) utilizaram os seguintes qualificativos para esclarecer o que compreendem por periferia: área de prostituição; lugar onde vivem famílias desestruturadas; onde vivem crianças abandonadas; onde a maioria da população é negra; onde vivem pessoas com baixa escolaridade; onde há pouca opção de lazer e lugar com elevada taxa de desemprego.

As entrevistas em profundidade descrevem melhor esse ambiente:

A – Um lugar abandonado, o Estado não faz nada por ela. São bairros sem segurança, onde reina a violência e as pessoas têm medo, quem manda na periferia são os bandidos, não a polícia. (Trecho da entrevista com jovem).

B – Pra mim, periferia é um lugar feio, que mora muita gente, é sujo, pobre, e as casas são construídas de forma precária e em regiões perigosas. As pessoas, que moram ali, ficam vulneráveis a

várias coisas, como a fúria da natureza. Vi, na televisão, os desmoronamentos no Rio de Janeiro. Famílias que perderam tudo, porque as casas foram feitas nos morros, aqui em Belém, elas sempre alagam quando chove. (Trecho da entrevista com jovem).

C – O governo praticamente não faz nada pela periferia, só gasta o dinheiro do povo. Acho que as pessoas daqui têm que fazer tudo sozinha para conseguir vencer na vida, tomar iniciativa e ir em busca do que quer, porque o Estado só olha pra cá em época de eleição. (Trecho da entrevista com jovem).

D – Um local [em] que falta saneamento, segurança, poder público e moradia de qualidade. O abandono dessas regiões dificulta a vida de quem mora aqui. Muitos moradores reclamam da estrutura inadequada. Meu pai diz que volta toda noite cansado do trabalho e tem que pegar ônibus cheio, correndo o risco de ser assaltado, porque quando chega aqui perto de casa, não tem policiamento. (Trecho da entrevistada com jovem).

Nas entrevistas em profundidade, também se tornou marcante a representação da periferia por meio da oposição direta com o que seriam as áreas não periféricas. Espontaneamente, muitos alunos citaram bairros privilegiados e nobres de Belém para explicar o que não era periferia. Alguns também falaram sobre as contradições sociais que ocorrem em uma mesma rua da cidade – por exemplo, dentre outras, a Avenida Padre Eutíquio, a qual atravessa tanto o Bairro (privilegiado) de Batista Campos como o Bairro (periférico) do Jurunas, espaço de residência, como se disse, de muitos entrevistados. Percebe-se um consenso em torno da percepção de que periferia é um lugar de ausência de infraestrutura.

## **B. Quem é o morador da periferia?**

Ao serem questionados sobre se a localização do seu bairro constitui (ou não) uma periferia, 63 entrevistados responderam *sim*, enquanto 29 afirmaram *não*, e 8 deixaram a questão em branco. Nas entrevistas em profundidade, percebeu-se que a opinião sobre morar ou não na periferia estava diretamente ligada à infraestrutura do lugar e ao sentimento de pertença em relação ao bairro, já que, para alguns alunos, residir nessas áreas não os faz se identificarem com o local:

E – Onde eu moro não é bem periferia, apesar de ser um bairro conhecido como periferia, eu considero bem tranquilo. Um lugar que não tem muito roubo, assalto, não é feio, dá para se viver. Não me considero um jovem da periferia, porque não me vejo nesse estilo “amalandrado”. Minha mãe diz que tenho tudo como pobre, mas sempre dá para ter mais. (Trecho da entrevista com jovem).

F – Moro na periferia, mas não me considero da periferia, pelo fato de pensar diferente, de conhecer outras coisas. Eu tenho uma visão diferente da maioria das pessoas daqui. (Trecho da entrevista com jovem).

Percebe-se que pertencer ou não a esses espaços está para além de fixar residência em determinado território: significa se sentir pertencente ao bairro, identificar-se com o lugar.

Vários estudantes consideraram a escola Serra Freire como sendo bem localizada – e, por essa razão, um lugar bom para estudar. Esse fato pode explicar a tendência de que o tempo médio de estudo, na mesma escola, seja maior. Da mesma forma, vários estudantes também disseram gostar de estudar nessa escola, apesar de problemas, que também assinalaram.

Por outro lado, muitos estudantes da escola Camilo Salgado se referiram negativamente à localização da escola, evocando, para justificar, o fato de os bairros próximos serem tematizados, frequentemente, pelo noticiário jornalístico, pelos seus problemas quanto à **violência e à criminalidade, à concentração populacional e à infraestrutura, uma situação que faz perceber como as representações midiáticas contribuem para a formação das RSs. A mídia acaba pautando os assuntos discutidos nas rodas de conversa e propagando ideias já cristalizadas a respeito da realidade social.**

### C. Centros periféricos e periferias centradas

Ainda a respeito da mesma questão, qual seja a de habitarem (ou não) em uma periferia, é importante assinalar uma tendência a respostas negativas entre os jovens residentes nos Distritos de Icoaraci e Outeiro, alunos da escola Serra Freire, o que não deixa de ser curioso, considerando que são distritos muito mais deslocados em relação ao centro de Belém, ao contrário do que consideraram os alunos residentes nos Bairros da Condor e do Jurunas, espaço de residência da maioria dos alunos da escola Camilo Salgado. Trata-se de uma lógica diferenciada entre os dois grupos. O

primeiro, apesar de estar mais distante do centro convencional, parece considerar que reside numa área com certa autonomia, no que diz respeito à infraestrutura de serviços urbanos, particularmente nos aspectos da vida comercial do lugar, e isso faz com que não se compreenda como habitantes de periferia. O segundo, apesar da proximidade do centro da cidade, tende a considerar seu local de residência como periférico, provavelmente em função da percepção negativa da infraestrutura física local.

Porém, mesmo entre os habitantes de Icoaraci e do Outeiro, há a ideia de periferia. Os estudantes que moravam próximos da orla da praia do Cruzeiro inferiram que não estão na periferia, enquanto os residentes em áreas próximas de ocupações não planejadas (Paracuri I e II), as quais margeiam o rio com esse nome, disseram morar na periferia. Em acréscimo, notou-se que os questionários sem respostas eram de alunos residentes, justamente, nessas áreas.

Essa diversidade de opiniões, ou mesmo a atitude de preferir não opinar, demonstra o conflito existente em se definir o que é ou não periferia de uma cidade. Há centralidades periféricas e periferias centralizadas no universo das práticas socioeconômicas gerais de uma cidade como Belém, e isso impacta nas RSs que se formam a respeito das mesmas.

#### **D. O lado positivo da periferia: a vizinhança**

Um tema espontâneo e abundantemente presente nas entrevistas se referiu ao clima amistoso e às práticas de solidariedade existentes entre os vizinhos, na periferia:

G – Na periferia, todo mundo se conhece, é um lugar bom de viver, porque aqui a gente aprende mesmo a viver, a respeitar as diferenças, eu gosto dos meus vizinhos e acho legal morar aqui. (Trecho da entrevista com jovem).

Os alunos falaram ainda sobre essa dinâmica de familiaridade. As comunidades – termo que, por si mesmo positiviza a RS da periferia – constituem uma família:

H – Nas periferias, teu vizinho é mais irmão do que teus próprios parentes, o vínculo que nós temos com nossos colegas de rua é bem legal, minha família não é daqui, e eu moro há 18 anos na mesma rua, os meus amigos de lá são mais próximos de mim que meus próprios parentes. (Trecho da entrevista com jovem).

I – Existem vantagens de se morar na periferia, porque aqui temos acessibilidade com os vizinhos, conversamos com eles. Se acontecer alguma coisa na tua casa, eles te ajudam, tem muitas periferias que ficam próximas aos centros. A periferia tem de tudo, pessoas de classes média alta, baixa e que acabam morando na periferia por opção ou falta dela. (Trecho da entrevista com jovem).

Essa construção discursiva, muito sistemática, tanto nos questionários quando possível – e, particularmente, nos desenhos produzidos – como nas entrevistas em profundidade, parece ter sido motivada diretamente pelos vídeos, pois foram colocadas, em geral, com alguma indignação, como resposta ao já mencionado fato de que os vídeos, na percepção global dos entrevistados, produziam uma redução ilegítima e tendenciosa dos processos sociais na periferia.

## Percepção do núcleo central da representação social observada

As RSs produzidas pelo grupo estudado estão constituídas, de forma hierarquizada, em torno de um Núcleo Central (NC), nos moldes que Abric (1994) propõe. Tudo indica que esse NC seria a ideia de exclusão social, ou, antes, o sentimento de exclusão, que se materializa, discursivamente, por meio da denúncia sobre a ausência de ação pública e de serviços públicos, pela precariedade nas formas de habitação e, também, dos sintomas da violência, da criminalidade, do desemprego e da alta concentração habitacional. A sensação de exclusão, ora enunciada, ora dissimulada, parece estruturar uma série de *sintomas* que estão presentes na fala dos entrevistados.

É consenso, entre os entrevistados, que os habitantes dos espaços periféricos não têm seus direitos respeitados e, por morarem nesses locais estigmatizados, são recorrentemente discriminados, tanto pelo Poder Público, que ignora as suas reais necessidades, quanto pelos cidadãos de outros bairros que os rotulam de pobres e marginais.

É também consensual, entre os entrevistados, a representação da periferia como ambiente desfavorável para se viver. Alguns deles mencionaram, inclusive, o projeto de residir em áreas centrais de Belém, e isso, para eles, representaria uma ascensão social. Porém, é preciso considerar que, quando provocados pelas representações artísticas da periferia, presentes nos vídeos, houve uma espécie de aprofundamento reflexivo desse NC. O que era, exclusivamente, um discurso sobre exclusão e precariedade



passou a ganhar aspectos positivos associados à sociabilidade, à amizade e à solidariedade.

Ou seja, confrontados com uma representação artística que ressaltava o tema *violência na periferia*, os entrevistados passaram a representar os aspectos positivos do espaço periférico. Essa dinâmica de RS foi observada tanto entre os alunos que declararam morar na periferia como entre aqueles que afirmaram o contrário.

Essa representação dicotomizada da periferia como um espaço ruim e, ao mesmo tempo bom, possibilita a interpretação de que o NC se molda de maneira dinâmica, e que a exclusão social tematizada, por ser percebida, também como resistência social.

Isso ocorre porque a cidade, em sua própria gênese constitutiva como espaço humano, é formada por múltiplas territorialidades. Isso significa desigualdade e, portanto, disputa social. Dessa forma, por conseguinte, a noção de cidadania está intimamente ligada à maneira como o cidadão se apropria e utiliza seu espaço de moradia, territorializando-o simbolicamente, como espaço de afirmação ou de resistência à exclusão.

O NC da RS periferia, portanto, toma forma não como um estigma simplesmente aceito, mas também como algo que pode ser questionado. Supomos que perceber o NC na sua característica dinâmica é fundamental para compreender as RSs entendidas como processo dialógico e de mediação de conflitos simbólicos.

## Referências

ABELÉM, A. *Urbanização e remoção: por que e para quem?* 1989. Dissertação (Mestrado) – Naea/UFGA, Belém, 1989.

ABRIC, J.-C. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, Jean-Claude (Dir.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: PUF, 1994. p. 11-35.

BARROS, J. *Cultura e periferia: reflexões sobre conceitos e suas aplicações*. S. d. Disponível em: <<http://www.favelaeissoai.com.br>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

CASTRO, F. F. de. *Entre o mito e a fronteira: estudo sobre a figuração da Amazônia na produção artística de Belém*. Belém: Labor, 2011.

GADAMER, H.-G. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Paris: Gallimard, 1950 [1913].

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Agglomerados subnormais: primeiros resultados*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados\\_subnormais/default\\_aglomerados\\_subnormais.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm)>. Acesso em: 10 jul. 2012.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 17-44.

MITSCHEIN, T. et al. *Urbanização selvagem e proletarização passiva na Amazônia: o caso de Belém*. Belém: Ed. da Cejup/Naea, 1989.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RICOEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1997. t. I.

SÁ, C. P. de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SCHUTZ, A. *Collected papers*. Hague (Holanda): Martinus Nijhoff, 1976. 3 v.

SOUZA, J. de; SILVA, J. da; BARBOSA, J. *Favela: alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. *Produção do espaço e uso do solo em Belém*. Belém: Ed. da UFPA, 2000.

VICENTINI, Y. *Cidade e história na Amazônia*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2004.